Colheita recorde, comercialização difícil

Os baixos preços atingidos pelo milho na safra 1994/95 certamente prejudicarão o próximo plantio, o que pode colocar em risco o aumento futuro da produção de carne avícola e de suínos.

Tradicionalmente, ao aproximar-se a época de final de colheita das safras de verão, o campo começa a se movimentar no sentido de definir o plantio seguinte, confrontando os resultados financeiros recém-obtidos entre as diversas culturas.

Este ano, porém, esta tradição foi conturbada pelo *imbroglio* que se criou em relação ao crédito rural no país. De fato, na medida em que o impasse entre governo e produtores afetou diretamente a comercialização do produto recém-colhido, rompeu-se o encadeamento de eventos que normalmente servem para guiar a análise dos agricultores.

É bem verdade que, no caso específico do milho, mesmo que tal conturbação não tivesse acontecido, dificilmente o cereal estaria entre as principais opções para o próximo plantio, ao contrário do ocorrido há pouco mais de um ano.

Naquela época, apesar de o superávit até então recorde do produto constituir aparentemente um desestímulo ao novo plantio, as razoáveis condições do VBC e do preço mínimo mantiveram o interesse na cultura. Este quadro foi reforçado pela perda de 50% da área plantada que as geadas causaram à safrinha paranaense em 1994 e que evitaram uma maior depreciação das cotações durante esta segunda colheita.

Dados da Conab divulgados em meados de maio informam que a colheita brasileira de milho em 1994/95 deverá chegar a 36,6 milhões de toneladas, quase 11% acima do obtido um ano antes. Desta vez, a safrinha deverá ocupar lugar de destaque (7% da produção total), com a esperada recuperação da lavoura paranaense.

Com a oferta total, por sua vez, atingindo o recorde de quase 43 milhões de toneladas, não só houve a inevitável depreciação nas cotações do produto, como também tornou-se lenta a comercialização.

Entre março e maio, o preço médio recebido pelos produtores paranaenses foi de R$4,80/60kg. Além de ser 24% menor, em termos reais, do que a média do mesmo trimestre de 1994, o prejuízo aos agricultores transparece na sua comparação com os custos de produção. Segundo cálculos do Departamento de Economia Rural (Deral), o custo médio variável de produção das 7,6 milhões de toneladas da primeira safra do estado é de aproximadamente R$5,50/60kg, com o custo total chegando a R$6,50/60kg.

Setor de rações programa crescimento em 1995

O único elemento que vem atuando como sustentador (ainda que parcial) do mercado do milho tem sido o forte ritmo de crescimento no consumo de rações, tanto por parte da avicultura quanto da suinocultura.

De fato, o incremento anual previsto na produção de rações, da ordem de 11% em 1995, respalda-se no avanço de ambas as atividades criatórias, responsáveis por aproximadamente 95% da sua demanda. Apenas por conta deste aumento, o consumo de milho pelos produtores de rações deverá crescer 8% em relação ao observado em 1994, chegando a 13,5 milhões de toneladas.

A oferta total do milho este ano deverá chegar ao recorde de quase 43 milhões de toneladas.

Até o momento, não há indicadores de que esta tendência no mercado das carnes reverta. Afinal, por mais que o consumo varejista possa passar por retrações sazonais, a manutenção da lucratividade junto aos criadores afasta qualquer revisão dos planos expansionistas em 1995. Espera-se um crescimento de 10% tanto para as aviculturas de corte como de postura, e de 12% para a suinocultura.

Além do mais, os bons resultados até agora obtidos no plano de estabilização econômica têm estimulado o aumento do consumo de uma forma geral. Neste caso, visto ser a carne um produto cuja demanda é muito sensível a variações na renda disponível, não é de admirar o maior dinamismo que vem caracterizando as vendas varejistas deste alimento.

Para o período janeiro-setembro, o potencial de produção de pintos de corte foi calculado pela Asso-

ciação Brasileira de Produtores de Pintos de Corte (Apinco) em 2 milhões de cabeças, ou 18% acima do potencial relativo ao mesmo período de 1994. Por sua vez, a produção efetiva destas aves no primeiro trimestre de 1995 ficou somente 5% aquém da potencial (contra 8% no mesmo período do ano passado), evidenciando a atual pujança deste segmento.

De forma semelhante, a União Brasileira de Avicultura (UBA) previu que, entre janeiro e julho, a média mensal da produção nacional de ovos será 11% superior à do mesmo período de 1994. Este movimento reflete o aumento no plantel de poedeiras que se vem verificando desde o ano passado, quando a média mensal ficou em nível 5,7% maior que o de 1993.

Bons resultados na suinocultura

Quanto à suinocultura, embora se paute por regras muito diferentes daquelas verificadas junto à avicultura de corte, ela vem passando por fase de euforia, respaldada especialmente no mencionado aumento da lucratividade, já que os preços recebidos pelo suíno pronto para abate não têm sido elevados.

O consumo de milho pelo setor de rações em 1995 deverá crescer 8% em relação ao observado em 1994.

A margem de lucro dos suinocultores sulistas foi recorde histórico de janeiro a maio. O preço relativo suíno/milho ficou em quase 10, quando o *break-even point* comumente considerado é 6. Por sua vez, a média dos preços recebidos pelo animal vivo para abate na região Sul, no mesmo período, ficou em R$0,88/kg, 16% abaixo do patamar real médio observado nos primeiros cinco meses de 1990 a 1994.

Se se levar em consideração que, tradicionalmente, o verão é época de queda sazonal da demanda de carne de porco, pode-se imaginar o estímulo que o resultado da lucratividade trouxe aos criadores. Não foi por outra razão que, de janeiro a maio, o abate de suínos em Santa Catarina alcançou nível, respectivamente, 16 e 20% maior do que os observados nos mesmos períodos de 1994 e de 1993.

Este breve panorama das atividades criatórias de aves e de suínos informa, portanto, que estas (e, por extensão, o consumidor final das carnes) vêm sendo as grandes beneficiadas com a queda livre dos preços do milho.

Futuro incerto para o milho

Sintomaticamente, na decomposição do item alimentação do IPA (índice que detém 60% de peso para o cálculo do IGP), de janeiro a maio o milho, as aves abatidas e a carne de suíno apresentaram variações em seus preços de, respectivamente, -20, -25 e -21%.

A margem de lucro dos suinocultores sulistas foi recorde histórico de janeiro a maio.

No entanto, se a depreciação dos preços do cereal tem colaborado fortemente para a contenção dos índices inflacionários, por outro lado é de se esperar que ocorra um desestímulo nas decisões relativas ao plantio da próxima safra, e/ou que a semeadura venha a sofrer as conseqüências de uma forte descapitalização do homem do campo.

Em ambos os casos, trata-se de perspectiva muito perigosa para um país cujos complexos avícola e suinícola oferecem hoje conjuntamente ao mercado mais de 5 milhões de toneladas/ano de carnes em nível comercial, além de serem responsáveis pelo amortecimento dos impactos altistas dos preços da carne bovina sobre o cálculo do custo de vida.

Este conjunto de elementos explica por que as lideranças avícolas vêm manifestando preocupação no que diz respeito a uma eventual insuficiência da produção interna do grão na próxima safra. A forte dependência que tanto a avicultura como a suinocultura têm em relação ao milho obviamente acarreta o temor de que, se não for garantida a produção interna deste insumo, aumentem os seus custos de produção, acarretando queda na demanda.

Caberia às autoridades governamentais responsáveis pelas definições da política agrícola se anteciparem a esta preocupação dos criadores, estabelecendo com rapidez e clareza os sinalizadores da safra 1995/96. Antes que a indefinição venha a acarretar uma redução preventiva dos plantéis, com suas perversas conseqüências sobre os preços das proteínas animais para os consumidores.

IRENE RAGUENET TROCCOLI